

No ano passado, a “vakinha” ganhou um ponto fixo. Desde então...: uma análise funcionalista de circunstanciadores temporais

No ano passado, a “vakinha” ganhou um ponto fixo. Desde então...: a functionalist analysis of temporal adverbials

Ana Beatriz Arena¹
Érika Cristine Ilogti de Sá²

Resumo: Este artigo trata das funções textual-discursivas de circunstanciadores temporais de dois tipos: o *então* e as locuções adverbiais, avaliando também o impacto dessas funções na articulação de orações. A partir de dados coletados em jornais contemporâneos, buscamos relacionar os usos dos circunstanciais a alguns princípios do Funcionalismo norte-americano, como Iconicidade e Marcação, além de nos ancorarmos em alguns princípios da Gramaticalização. Metodologicamente, os circunstanciadores em estudo foram analisados em seus contextos de uso, em perspectiva sincrônica e tratamento prioritariamente qualitativo. Foram identificadas algumas convergências e divergências entre os padrões de uso do *então* e das locuções adverbiais, como o tipo de função predominante no uso de cada objeto analisado. As divergências possivelmente se devem ao fato de o *então* não ter, em sua forma, elementos substantivos, como as locuções têm, o que não lhe permite algumas funções discursivas quando é usado como advérbio, como, por exemplo, introduzir tópico. As convergências são mais relevantes, visto que as funções de retomar marco temporal, sequenciar eventos e introduzir tópicos são compartilhadas tanto pelas locuções adverbiais quanto pelo *então*. Por fim, as análises demonstram também que tanto as locuções adverbiais quanto o *então* se apresentam como importantes estratégias textual-discursivas para a continuidade e a progressão do texto.

Palavras-chave: Circunstancial temporal. *Então*. Locução adverbial temporal. Funcionalismo. Funções discursivas.

Abstract: This article aims to discuss about the textual-discursive functions of temporal adverbials of two types: *então* and adverbial phrases, also considering the impact of these functions on the articulation of sentences. From data collected in contemporary newspapers, we seek to relate the uses of *então* and the adverbial phrases to some principles of North American Functionalism, such as Iconicity and Marking, in addition to some principles of Grammaticalization. Methodologically, these temporal adverbials were analyzed in their contexts of use, in synchronic perspective and primarily qualitative treatment. Some convergences and divergences were identified between the patterns of use of *então* and the adverbial phrases, such as the type of predominant function in the use of each object analyzed. The divergences are possibly due to the fact that *então* does not, in its form, have substantive elements, as the adverbial phrases do. Some discursive functions may be blocked when *então* is used as an adverb, such as, for example, introducing a topic. The convergences are more relevant, since the functions of resuming a previous temporal mark, sequencing events and introducing topics are shared both by adverbial phrases and by *então*. Finally, the analyses also indicates that both adverb phrases and *então* are important textual-discursive strategies for the continuity and progression of the text.

Keywords: Temporal adverbials. *Então*. Temporal adverbial phrase. Functionalism. Discursive functions.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: bia.arena@gmail.com.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: erikailogtidesa@gmail.com.

Introdução

A análise das definições e das classificações atribuídas aos adverbiais em gramáticas tradicionais aponta que essa é uma categoria marginalizada em relação às demais, pois é definida e ilustrada muito superficialmente. Em geral, no final da insuficiente apresentação sobre advérbios, conforme nomenclatura da tradição gramatical, encontramos apenas uma listagem de locuções, desconsiderando, dessa forma, a diversidade de posicionamento, de semântica e de funções dos adverbiais.

Cunha e Cintra (2001), por exemplo, distinguem os advérbios a partir do termo com o qual eles se relacionam. Para os autores, o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo; para além dessa função básica, os chamados advérbios de intensidade reforçam o sentido de adjetivos e de outros advérbios (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 541-542). Rocha Lima (2003[1957]) segue o mesmo padrão de definição, referindo-se aos advérbios como modificadores do verbo, limitando a apenas os advérbios de intensidade a modificação de adjetivos e de outros advérbios.

Quanto às locuções adverbiais, a tradição gramatical brasileira atribui a elas o *status* de subcategoria dos advérbios simples. Como veremos mais adiante, em função de tal perspectiva, as gramáticas tradicionais acabam destacando somente dois aspectos dessas locuções: (a) a sua constituição estrutural, com ênfase na sua realização sob a forma de SPrep (*preposição + elemento nominal*)³, e (b) o seu valor semântico, geralmente, com base numa listagem dos tipos de adverbiais, exemplificados de forma descontextualizada.

No presente artigo, objetivamos, da categoria dos circunstanciais⁴, verificar a multifuncionalidade dos reconhecidos como temporais e aspectuais⁵. Reunimos objetos de estudos de duas pesquisas funcionalistas (a saber, ARENA, 2008 e ILOGTI DE SÁ, 2015) os quais demonstram ter motivações discursivas semelhantes em alguns de seus usos. Seleccionamos para descrição e análise (a) as locuções adverbiais⁶ que indicam a noção de tempo ou de aspecto e (b) o *então*, categorizado como advérbio de tempo pela tradição

³ Isso fica evidente, por exemplo, na definição de locução adverbial apresentada por Bechara (2001, p. 289): “Locução adverbial é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e emprego do advérbio”.

⁴ Usaremos ao longo do artigo os termos circunstancial e circunstanciador como sinônimos.

⁵ Estamos aqui considerando a noção de aspecto conforme Neves (2011), que aborda a aspectualidade dentro da categoria de circunstanciais temporais.

⁶ Aqui estão considerados tanto o sintagma preposicional com papel adverbial (como “desde abril”) quanto o sintagma nominal com o mesmo papel (como “muitas vezes”).

gramatical, podendo, em construções com as preposições “desde” ou “até”, igualmente veicular noções de aspecto, conforme exemplificados a seguir⁷:

- (1) *A Associação de Jornais dos EUA lançará em abril uma campanha publicitária.* [editorial 1 – O Globo]
- (2) *Vinte minutos depois, a explosão de uma motocicleta a menos de dois quilômetros dali destruiu carros e matou sete pessoas.* [notícia 3 – Folha de São Paulo]
- (3) *Assim, o vigilante entrou com processo para reverter seu quadro de aposentadoria. Desde então, o processo passou por inúmeros setores, totalizando 673 dias de tramitação até o deferimento do pedido.* [Corpus do Português NOW, *conjur.com.br*, 30/6/2018]
- (4) *“Contei primeiro para a minha esposa, depois para o meu melhor amigo, então para os meus sócios, mas ninguém conseguia absorver a notícia”, diz.* [Corpus do Português NOW, *terra.com*, 30/6/2019]

Optamos por descrever e analisar as locuções adverbiais temporais em conjunto com o *então* porque, embora sejam circunstanciadores temporais diferentes quanto à forma, pressupomos que locuções e *então* tenham funções textual-discursivas muito semelhantes. Essa hipótese encontra amparo no estudo de Arena (2008) sobre a multifuncionalidade e a polissemia do *então*. Como se tratou de pesquisa diacrônica, para o presente artigo, foram recolhidos novos dados a serem submetidos a um escrutínio analítico complementar ao empreendido no trabalho anterior da autora. Para tal, analisamos amostras da modalidade escrita contemporânea, representada por textos jornalísticos. As locuções adverbiais foram retiradas de notícias e editoriais dos jornais brasileiros *Folha de São Paulo* e *O Globo*⁸, enquanto os dados com *então* foram coletados de textos do Corpus do Português NOW (Notícias da Web)⁹.

Utilizamos os pressupostos teóricos da corrente funcionalista por julgarmos que o uso dos circunstanciais possui motivação discursiva, contribuindo para seus comportamentos sintático-semântico e textual. Essa vertente teórica considera a linguagem como um instrumento de interação social e concebe que a gramática emerge do uso, sendo moldada por fatores comunicativos e cognitivos.

Ao elencarmos as tendências discursivas estabelecidas pelas locuções adverbiais temporais e pelo *então* nos seus papéis discursivos da oração, acreditamos estar contribuindo

⁷ Os exemplos (1) e (2), assim como todos os outros de locuções adverbiais deste artigo, são retirados de Ilogti de Sá (2015).

⁸ Para cada um dos gêneros, foram analisados 40 textos produzidos no período de 2007 a 2015, todos retirados de versões *online* dos jornais.

⁹ Foram coletados 50 contextos jornalísticos do Corpus do Português NOW, todos publicados entre 2016 e 2019, em diferentes sites de jornais brasileiros. Na coleta dos contextos, somente os usos do *então* como advérbio (25) e sequenciador (21), além de usos mistos, casos ambíguos entre um e outro (4), foram considerados para análise.

para uma descrição mais ampla e detalhada dos circunstanciadores temporais em tela, verificando, além das eventuais diferenças, as semelhanças nos usos dessas duas estruturas. Possivelmente, muitos dos pontos em comum entre o *então* e as locuções em análise se devam à origem latina do advérbio, visto que se pressupõe que este tivesse a forma locucional *in tunc* (ARENA, 2008, p. 40; p. 136).

Nosso objetivo com este artigo, portanto, é descrever algumas tendências discursivas de uso tanto do *então* quanto das locuções. A expectativa, com isso, é verificar que tais motivações discursivas exercem forte influência nos usos/ordenação dos circunstanciais temporais e aspectuais em estudo.

O artigo está organizado como ora se apresenta. A seção 1 descreve brevemente o *então* e as locuções adverbiais, enfocando os aspectos que contemplam nossos propósitos neste trabalho. A seção 2 apresenta uma explanação dos pressupostos teóricos que norteiam nossa análise, além de delinear os procedimentos metodológicos. Na seção 3, procedemos à análise dos dados, verificando as funções sintático-semânticas e textual-discursivas exercidas pelos circunstanciais analisados, com base nos pressupostos funcionalistas. Finalmente, na última seção, apresentaremos algumas conclusões e considerações sobre as tendências observadas nos usos desses circunstanciais.

1. *Então* e as locuções adverbiais temporais e aspectuais

A respeito do *então*, partimos do pressuposto de que, em sua origem latina, tenha existido sob a forma de locução, *in tunc*, e que sua trajetória de mudança tenha obedecido à escala de gramaticalização sugerida por Traugott & Heine (1991) – espaço > (tempo) > texto –, a qual representa os estágios que caracterizam a mudança do lexical para o gramatical ou do menos gramatical para o mais gramatical. Sendo assim, é necessário recorrermos ao latim para encontrarmos o sentido espacial do termo.

Segundo Ernout e Meillet (1959 *apud* MARTELOTTA; SILVA, 1996), *tunc* é o resultado da formação *tum + ce*, sendo *ce* um elemento de valor demonstrativo, o que conferia ao termo latino propriedades típicas dos dêiticos, que remetem, primariamente, a dados espaciais. No entanto, ainda no latim, já se podia flagrar seu uso menos lexical e mais gramatical, como circunstancial de tempo, o que o colocaria no segundo estágio na escala de mudança (tempo). No dicionário *online* Glosbe, encontramos o seguinte exemplo para a abonação *tunc*:

(5) *Cum exaltaveritis Filium hominis, tunc cognoscetis quia ego sum.*

Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então saberei que EU SOU.

(<https://pt.glosbe.com/la/pt/tunc>)

Possivelmente, a origem demonstrativa explica a propriedade anafórica que o *então* apresenta até hoje: ao mesmo tempo que exprime circunstância de tempo, comporta-se como elemento coesivo, retomando porções textuais anteriores. Vale destacar que, no português arcaico (séculos XIII ao XV), segundo Câmara Júnior (1979), quanto à semântica, o *então* já não apresentava sentido espacial e, quanto à forma, já havia perdido a composicionalidade, isto é, já não se verificavam as fronteiras entre a preposição *in* e o advérbio propriamente, *tunc*, de modo que ambos não podiam mais ser analisados separadamente. Sendo assim, no português, o emprego como advérbio de tempo é sua manifestação mais concreta, ou seja, menos gramatical.

No entanto, a função de circunstanciador de tempo não é seu único uso, havendo outros mais abstratos e mais gramaticais ainda. Arena (2008), em pesquisa pancrônica (do século XIII ao período contemporâneo) sobre a multifuncionalidade e a polissemia do *então*, identificou pelo menos quatro diferentes usos do termo: advérbio temporal, que seria o uso canônico; operador de sequencialização; conector lógico e operador argumentativo¹⁰, sendo este último o uso mais gramaticalizado e mais abstrato de todos.

Quando se consideram todas as sincronias investigadas, os valores sintático-semânticos mais frequentes relacionam-se aos usos como advérbio e operador de sequencialização (ARENA, 2008). Embora o segundo se apresente em um estágio de maior gramaticalização do que o primeiro, podemos reconhecer nele um dos princípios de Hopper (1991), o da persistência, visto que alguns traços semânticos da forma-fonte, o advérbio, ainda podem ser observados, como será demonstrado a seguir:

(6) *O terceiro indivíduo também passou a beber e a conversar com o ambulante e o amigo dele. # Mas, antes de deixarem o bar, o desconhecido disse que quem iria pagar a conta seria o ambulante, que se recusou. O indivíduo, então, puxou uma faca que carregava e deu dois golpes contra o ambulante, um de eles em o peito e outro em o rosto.* [Corpus do Português NOW, gazetaonline.com.br, 30/6/2019)

Nesse caso, o *então* participa do encerramento de uma cadeia de eventos, atuando como um operador de sequencialização. Todavia, persiste nele, ainda que de forma mais desbotada, a função textual-discursiva de retomada de marco temporal anterior, típica do uso canônico como advérbio de tempo. No fragmento (6), esse marco é o momento em que o

¹⁰ Seguimos a tipologia proposta por Koch (1987) em estudo sobre conectores interfrásticos.

ambulante se recusa a pagar a conta, o que leva à ação seguinte: “O indivíduo, *então*, puxou uma faca...”.

Portanto, neste artigo, no que diz respeito ao *então*, nosso olhar se voltará para esses dois usos, nos quais, segundo os resultados obtidos por Arena (2008), os traços de circunstanciador temporal e de elemento anafórico estão presentes em maior (no advérbio) ou menor (no operador de sequencialização) intensidade, caracterizando-o como um elemento não só sintático mas também textual-discursivo importante na articulação de orações. São esses usos que habilitam o *então* a ser investigado em conjunto com as locuções adverbiais segundo o recorte proposto neste estudo.

Em relação às locuções adverbiais, a tradição gramatical dá ênfase ao papel da preposição na construção da estrutura. Segundo Bechara (2009, p. 290), ela seria o elemento responsável por preparar o substantivo para exercer uma função primariamente diferente da sua: o papel de advérbio. Entretanto, o autor aponta que essa preposição pode não integrar a estrutura da locução adverbial de tempo e de modo, conforme observamos em *Esta semana teremos prova*, em que a locução *esta semana* é usada ao invés de *nesta semana*.

Sobre essa questão estrutural das locuções adverbiais, algumas construções são elencadas por Neves (2011). Dentre as analisadas neste artigo, estão (i) preposição + substantivo/adjetivo/advérbio (*de repente; às vezes; por miúdo*); (ii) substantivo quantificado (*algumas vezes; muitas vezes*); (iii) preposição + substantivo quantificado (*de forma alguma; de modo nenhum*); (iv) substantivo + preposição + substantivo (*via de regra*); (v) substantivo/pronome quantificador + preposição + mesmo substantivo/pronome (*passo a passo; pouco a pouco*); (vi) preposição + sintagma nominal/pronominal + preposição + sintagma nominal/pronominal (*de uma vez por todas; de vez em quando*); e (vii) preposição + nome/pronome + preposição + mesmo nome/pronome (*de tempo em tempo; de quando em quando*)¹¹.

Além disso, no que diz respeito à semântica dessas locuções adverbiais, acreditamos que a noção temporal e a aspectual não sejam excludentes (TRAVAGLIA, 1994; NEVES, 2011). Neves (2011) atenta para a noção de aspecto dentro da categoria de circunstanciais temporais. Para a autora, dentro da semântica de tempo, há inegavelmente a noção aspectual, mesmo com uma oposição entre elas (o tempo possui natureza dêitica, e o aspecto, natureza não dêitica). Assumimos, ainda, a partir de Martelotta (2012, p. 72), que “as locuções

¹¹ Das diferentes possibilidades estruturais listadas pela autora, a única que não faz parte de nossa investigação é a que engloba formas verbais HÁ/FAZ, HAVIA/FAZIA + substantivo quantificado (*fazia alguns meses; há dois anos*), pois consideramos que, por ser uma construção verbal, ela precisaria de uma análise diferenciada das demais.

adverbiais são mais ricas na expressão do aspecto do que os advérbios simples”. No entanto, devido à dificuldade de se distinguir na prática um advérbio temporal de um aspectual, alguns autores, como Givón (2001), preferem tratar ambos como um único grupo: **advérbios de tempo e aspecto**. Essa é a noção semântica adotada neste artigo.

Ainda no que diz respeito às locuções adverbiais de tempo e aspecto, também é possível perceber que a referência temporal não é sua única função. Diversos trabalhos anteriores, entre eles os de Paiva (2007, 2008) e Ilogti de Sá (2009, 2015), apontam que tais locuções atuam na coesão entre os termos do discurso, introduzem novos eventos e fazem referências a situações já descritas. Tais circunstanciadores “podem desempenhar diferentes funções na organização do discurso e constituem instrumentos imprescindíveis no gerenciamento da interação”¹² (PAIVA, 2008, p. 5). Para tanto, sua função na macroestrutura do texto no qual está inserido deve ser analisada, ou seja, devemos levar em consideração não só a oração em que o circunstancial se posiciona, mas também um contexto maior.

Uma vez que, no presente artigo, propomos uma descrição dos usos de circunstanciais temporais de diferentes naturezas, cabe trazer uma definição mais abrangente sobre a distinção estrutural entre advérbio e locução adverbial, conforme Martelotta (2012, p. 26):

Há dois aspectos da estrutura dos advérbios que devem ser aqui mencionados. Um deles diz respeito à distinção entre a noção de advérbio, que focaliza a natureza do termo como um único vocábulo (*hoje, bem, aqui, rapidamente* etc.) e o conceito de sintagma ou locução adverbial, caracterizado pela estrutura sintagmática de algum tipo (*de manhã, na noite passada, todo dia, muitas vezes* etc).

Nesse sentido, teríamos, por um lado, aquelas estruturas sintagmáticas, consequentes da possibilidade de se formar, sobretudo pela junção de preposições com substantivos, construções de valor adverbial.

Na próxima seção, apresentamos os fundamentos teórico-metodológicos que norteiam nossas análises.

2. Fundamentos teórico-metodológicos

Nossa perspectiva de análise, neste artigo, está pautada na corrente funcionalista norte-americana iniciada na década de 1970¹³, a qual pressupõe que o conhecimento de mundo e o linguístico estão intimamente interligados. Acreditamos, assim, na ideia de que as línguas possuem uma inerente maleabilidade em seu sistema, em função dos propósitos comunicativos envolvidos em qualquer espaço comunicativo. Dessa forma, compreendemos

¹² Cf. também Van Dijk (1982); Givón (1983); Chafe (1984).

¹³ A abordagem funcionalista adotada neste trabalho conta, como principais representantes, com Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, Wallace Chafe, dentre outros.

não ser possível analisar a língua de maneira isolada nem a associar apenas a fatores cognitivos, já que a gramática é resultado de estratégias desenvolvidas no discurso, e a linguagem é uma atividade sociocultural, que reflete as necessidades comunicativas do falante.

Nesse sentido, nossa investigação não considera como fatores arbitrários a diversidade posicional ou a multifuncionalidade de cada elemento, por exemplo, como vemos em estudos mais formalistas, mas, sim, como icônica, ou seja, motivada por questões discursivas. Portanto, dentre os princípios e as categorias centrais da corrente funcionalista norte-americana, a **iconicidade** e a **marcação** são essenciais para a análise que vamos empreender, além dos princípios de **gramaticalização**.

A iconicidade é definida, a princípio, como a correlação entre a forma – o código linguístico, a expressão – e seu *designatum* – seu conteúdo, aquilo que o falante pretende expressar. Assim, em sua versão menos radical¹⁴, o **Princípio de Iconicidade**, segundo Givón (1990), relaciona-se a três subprincípios: subprincípio da *quantidade*, da *integração* e da *ordenação linear* – os dois últimos estão vinculados ao processo de ordenação das estruturas na cadeia sintática. Esses subprincípios são essenciais para percebermos que as motivações para as tendências de ordenação e uso dos circunstanciadores temporais no português vão muito além das questões meramente sintáticas.

O *subprincípio da quantidade* propõe que, quanto menor a previsibilidade de uma informação, maior a quantidade de elementos linguísticos (morfemas, palavras, sintagmas ou frases) utilizados. Já o *subprincípio da integração* prevê que a proximidade cognitiva de um elemento está diretamente relacionada à sua proximidade na estrutura linguística (e vice-versa). Por sua vez, o *subprincípio da ordenação linear* pressupõe que (a) a ordem de um enunciado demonstra a ordem de importância dada aos fatos pelo falante, pois a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, ou (b) as informações tenderiam a aparecer nas orações na ordem em que ocorrem no mundo real.

Originado em construções binárias na Escola de Praga, o **Princípio da Marcação** é outro pressuposto funcionalista relevante para nossas análises. Tal princípio prevê que, em determinadas formas binárias, a marcação ocorre na estrutura que exibe uma propriedade ausente na outra, considerada menos marcada na língua. Uma estrutura não marcada seria aquela comum ao usuário, sendo frequentemente empregada no seu dia a dia, o que acarreta

¹⁴ Originalmente, o Princípio de Iconicidade, mais radical, postula que, para uma forma na língua, teríamos uma função. Entretanto, segundo Martelotta (2011), estudos sobre variação e mudança linguísticas constataram a existência de mais de uma forma para uma mesma função, principalmente por causa de pressões diacrônicas corrosivas.

um menor esforço para a sua compreensão. Por outro lado, as estruturas mais marcadas estão diretamente relacionadas à sua baixa frequência na língua, o que conseqüentemente leva o usuário a um esforço mental maior para a assimilação do conteúdo. Givón (1990), para distinguir categorias marcadas e não marcadas, propõe um conjunto de critérios: complexidade estrutural; distribuição de frequência; e complexidade cognitiva¹⁵.

Ao longo de nossas análises sobre os circunstanciadores temporais, procuramos identificar o uso não marcado do nosso objeto de estudo. Além disso, a partir das nossas observações, tentamos compreender as motivações que levam os circunstanciadores aqui analisados a ocupar uma posição mais marcada na oração.

Com relação à **Gramaticalização**, seu conceito *lato sensu* “busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular” (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 51). Este conceito será aplicado exclusivamente à análise do *então*, que, conforme vimos anteriormente, apresenta multifuncionalidade e polissemia decorrentes do seu processo de gramaticalização, isto é, da sua trajetória na escala espaço > (tempo) > texto (TRAUGOTT; HEINE, 1991). Em face dos propósitos deste artigo, tratamos apenas dos usos do *então* como advérbio e como operador de sequencialização (ou sequenciador), por ser esta a forma em que mais verificamos um dos princípios de Hopper (1991): o princípio da persistência, que “prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma mais gramaticalizada” (GONÇALVES; CARVALHO, 2007, p. 83). É o *então* operador de sequencialização que mais guarda a semântica temporal do advérbio, assemelhando-se a ele na funcionalidade, embora tenha diferentes motivações discursivas.

De forma articulada com os princípios funcionalistas da iconicidade e da marcação, além dos princípios da gramaticalização, neste artigo, adotamos como procedimento metodológico a reorganização de Ilogti de Sá (2015) para a análise dos dados¹⁶ e consideramos as seguintes funções discursivas para os circunstanciadores temporais:

- I. Especificação de coordenadas temporais: indica uma coordenada temporal, informando sobre o tempo ou o aspecto do evento; não há aqui referência a eventos descritos anteriormente, ou seja, possui um escopo reduzido¹⁷;
- II. Retomada anafórica: retoma uma referência temporal apresentada anteriormente no discurso, possuindo um papel coesivo importante;

¹⁵ Para maior detalhamento desses três critérios, cf. Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta, 2003.

¹⁶ Ilogti de Sá (2015) retoma uma reorganização das propostas de Paiva (2008, 2007) e Brasil (2005). Para a análise aqui empreendida, nós nos baseamos nas funções propostas pelas autoras e fizemos algumas adaptações em função dos tipos e da quantidade de dados encontrados.

¹⁷ Escopo aqui é considerado como o alcance de modificação que um determinado elemento tem na sentença.

- III. Introdução de subtópico (assunto): inicia um novo assunto, um novo episódio, um novo evento, ou até mesmo um subtópico dentro de um assunto mais geral (VAN DICK, 1982);
- IV. Sequência temporal: demarca pontos de uma sequência temporal, que se sucedem ao longo de um evento; são marcas linguísticas específicas para demarcar uma sucessão de acontecimentos dentro de um evento;
- V. Mista: retoma uma referência anterior e ao mesmo tempo marca um novo episódio, associando duas funções: a anafórica e a mudança de assunto.

Os princípios aqui elencados, assim como as funções discursivas que servem de esteio teórico-metodológico para as discussões sobre os usos dos circunstanciadores temporais, serão tratados em conjunto sempre que o contexto ensejar essa possibilidade. Na próxima seção, apresentaremos alguns exemplos coletados de textos jornalísticos que compõem os *corpora*. Nossa apresentação, para o presente artigo, baseia-se em uma descrição e análise de usos dos circunstanciais temporais e aspectuais a partir de suas motivações e funções discursivas para além daquelas previstas pela tradição.

3. Circunstanciadores temporais e aspectuais: funções textuais e discursivas

Conforme já exposto, o objetivo deste artigo é descrever e discutir a multifuncionalidade do *então* e de algumas locuções adverbiais temporais e aspectuais, em articulação de orações, naquilo em que convergem, não obstante as distinções quanto à forma. Assumimos, com a perspectiva funcionalista, que tais circunstanciais apresentam papéis textuais discursivos muito além das categorizações previstas na tradição gramatical.

Na articulação de orações promovida pelos circunstanciadores temporais, a relação entre os contextos comunicativos e a codificação morfossintática pode ser avaliada considerando-se o Princípio da Iconicidade e o da Marcação. Devem-se levar em conta, ainda, as funções textuais e discursivas que emergem desses contextos comunicativos, assim como as pressões de uso que levam às regularidades gramaticais verificadas nos circunstanciadores temporais, evidenciando, inclusive, o processo de gramaticalização do *então*.

Nos exemplos a seguir, passamos a identificar e a comentar cada um desses princípios e as funções discursivas presentes nos circunstanciadores adverbiais em estudo.

(7) *Há três anos, a Corina Cervejas Artesanais saiu às ruas de Brasília com uma kombi personalizada de vaca. Não leiteira, mas cervejeira. As torneiras engatadas com chopes lembravam as tetas do mamífero. No ano passado, a “vaquinha” ganhou um ponto fixo. Desde então, circula na cidade e estaciona no Curral da Corina, no SOF Norte.* (Corpus do Português NOW, *Divirta-se mais*, 30/06/2017)

Neste exemplo, o circunstancial *No ano passado* é empregado no início da oração a que pertence, introduzindo uma informação nova, não previsível. Por isso, é necessariamente codificado por uma locução adverbial, na forma de um sintagma preposicionado preenchido lexicalmente por um substantivo (*ano*) e um adjetivo (*passado*). Igualmente, o advérbio *então* é empregado na margem esquerda da sentença, porém não há nele a mesma complexidade estrutural da locução, pois sua função textual é a da retomada de um marco temporal anterior. Assim, o *então* retoma anaforicamente o conteúdo veiculado pela locução, promovendo economia linguística e garantindo a manutenção da coesão e da coerência textuais na articulação das duas frases introduzidas por cada um. Portanto, no exemplo (7), vemos a aplicação do subprincípio da quantidade, inserido no Princípio da Iconicidade.

Nos exemplos a seguir, verificamos a ocorrência do subprincípio da integração, também vinculado ao Princípio da Iconicidade.

(8) *Até agora*, a combinação do policiamento dos usuários e da visualização dos dados trabalhou **bem** ao tornar as trapaças relativamente mínimas. Aqueles que são suspeitos de utilizar suas contas para tentar enganar o sistema recebem um e-mail de aviso. O usuário é banido após a segunda violação. (*O Globo*, editoriais, 24/01/2007)

(9) *Lirio Parisotto também utilizou a internet, a fim de justificar a agressão supostamente praticada contra Luiza Brunet, em maio deste ano, [durante uma viagem do então casal a Nova York], nos Estados Unidos. O caso está na Justiça.* (Corpus do Português NOW, *Alagoas 24 Horas*, 31/12/2016)

Em (8), temos uma locução adverbial de tempo/aspecto, *até agora*, iniciando o período e afastada do verbo da oração. Por outro lado, o advérbio *bem*, que indica o modo como a ação de trabalhar ocorreu, se ordena imediatamente após a forma verbal – *trabalhou*. Esse é um exemplo clássico do subprincípio de integração: os advérbios que modificam intrinsecamente o verbo, como os de modo, apresentam-se bem próximos a ele; em contrapartida, os advérbios de tempo, por serem apenas dêiticos temporais, podem vir mais distantes do verbo.

No exemplo (9), também verificamos menor proximidade na estrutura linguística entre a forma no particípio do verbo “praticar” e as duas locuções adverbiais temporais, *em maio deste ano* e *durante uma viagem do então casal a Nova York*, indicando que, como em (8), também são menos integrados cognitivamente. Sabemos que o particípio é uma forma nominal do verbo que assume marcas gramaticais dos adjetivos, mas, funcionalmente, não perde o traço temporal ao expressar uma ação totalmente encerrada no passado. Assim como ocorre em (8), podemos confirmar a maior integração entre o advérbio de modo e a forma verbal: *supostamente* foi empregado imediatamente antes de *praticada*.

Quanto ao *então*, embora não tenha sido observada a aplicação do subprincípio da integração em seus usos, nossos dados apontam que a tendência é que esse advérbio também ocorra em pontos ainda mais distantes dos verbos na estrutura da oração em face da sua anaforicidade, como ocorre em (9). Isso vai ao encontro do que defende Neves (2002, p. 250), para quem “nenhum advérbio de tempo e de lugar realmente *modifica* o expresso no verbo”. A esse respeito, ainda citando Neves (2000, p. 261), verificamos que, neste uso, o *então* se encontra “em função adjuntiva adnominal”, visto que o termo modificado por ele é um substantivo (“casal”), com o qual o advérbio se encontra em maior integração.

Observamos, nos dois fragmentos a seguir, a aplicação do subprincípio da ordenação linear, também constituinte do Princípio da Iconicidade. Um exemplo prototípico desse subprincípio é a coordenação, que expressa o número e a ordem dos eventos de acordo com o que é percebido pelo falante ou com o que ele quer expressar. Nos exemplos (10) e (11), visualizamos orações coordenadas entre si numa sequência de eventos percebidos pelo emissor.

(10) *Scarlet Johansson colaborava com a Oxfam desde 2005 e em 2007 se converteu em embaixadora mundial de sua causa. (O Globo, notícias, 30/01/2014)*

(11) *Ele, um triatleta que treinava para a prova do Ironman, viu-se às voltas com uma paralisia que lhe tolhe gradualmente os movimentos. “Contei primeiro para a minha esposa, depois para o meu melhor amigo, então para os meus sócios, mas ninguém conseguia absorver a notícia, diz.” (Corpus do Português NOW, Terra.com, 30/06/2019)*

Em (10), a ordem em que os eventos são mostrados indica a sequência na qual eles ocorreram: primeiro, a atriz Scarlet Johansson colaborava com a instituição beneficente Oxfam, em 2005; depois, com a marcação do tempo enfatizada pelo posicionamento inicial do circunstanciador, *em 2007*, para o início da oração coordenada, a atriz se converteu em embaixadora. No exemplo (11), o *então* atua iconicamente como sequenciador de ações, respeitando a ordem temporal em que elas ocorrem na realidade, refletindo, como em (10), algum tipo de motivação externa à estrutura da língua. Portanto, em condições como as exemplificadas nos dois fragmentos acima, há indícios de que, de fato, existe uma relação necessária entre estrutura (ou forma) – a ordem de apresentação das orações – e função (sentido) – ordenação dos eventos externos à língua –, conforme os pressupostos funcionalistas.

No que diz respeito à sua função textual-discursiva, como podemos observar no exemplo (12), o circunstancial *em 2006* apenas localiza no tempo a ação de banir, realizada pelos eleitores de Michigan. Esse circunstanciador representa uma informação nova no

discurso, referente apenas à oração em que estão inseridos, ou seja, seu escopo é restrito, já que não faz referência anafórica ou indica uma sequência temporal, por exemplo. Portanto, *em 2006* apresenta a função discursiva de especificação de coordenadas temporais.

(12) *Decisão recente da Suprema Corte americana validou o referendo no qual os eleitores de Michigan baniram, em 2006, o critério racial na admissão às universidades públicas daquele Estado* [editorial novo 3 – Folha de São Paulo]

Essa é a função na qual há uma maior produtividade das locuções adverbiais temporais devido ao seu escopo textual mais restrito¹⁸. Vale destacar que, em contrapartida, esta é uma função discursiva para a qual não encontramos ocorrência do *então*, possivelmente em virtude da sua anaforicidade, sendo empregado para retomar um marco temporal anterior, podendo ter como escopo desde outro advérbio até uma oração inteira.

Logo, ao pensar em prototipicidade e frequência de uso, essa função discursiva do circunstanciador, por ser a predominante em locuções adverbiais temporais, pode ser considerada como não marcada, mais geral, em relação aos demais usos. Entretanto, ao relacionarmos as locuções adverbiais temporais ao *então*, percebemos que, por este ser menos complexo estrutural e cognitivamente, nessa relação, o advérbio se torna a forma não marcada.

É importante pontuar que todas as outras funções se relacionam a essa, uma vez que todas possuem o papel de circunstanciador temporal. A diferença é que seu segundo papel vai além de indicar o tempo, devido à sua função coesiva dentro do discurso no qual está inserido.

Analisemos atentamente os dados a seguir, nos quais observamos que os circunstanciais em destaque retomam anaforicamente elementos já apresentados no discurso.

(13) *A expectativa era investir R\$ 188 milhões em 2004 e criar 260 mil vagas por ano. Lula anunciou que seria possível chegar a 500 mil postos. Oito meses depois, o Primeiro Emprego só tinha levado à contratação de um copeiro em Salvador. De lá para cá, apenas 15 mil vagas foram criadas, mesmo depois de suspensa a exigência de interromper demissões.* [editorial 3 – Folha de São Paulo]

(14) *A Sesa afirma que o convênio com a Santa Casa foi feito em 2007 e, desde então, a entidade administra o Hospital Regional, que foi construído e equipado com recursos do Estado.* (Corpus do Português NOW, g1.globo.com, 30/06/2018)

No exemplo (13), há uma relação anafórica com elementos apresentados em discurso anterior estabelecida pelos dois circunstanciais destacados – *Oito meses depois* e *De lá para cá*. Nesses dois casos, o circunstanciador toma como ponto de ancoragem o discurso

¹⁸ Ilogti de Sá (2015) considera essa função da locução adverbial temporal e aspectual como não marcada em relação às demais funções.

pronunciado por Lula, citado anteriormente. Dessa forma, só podemos compreender as coordenadas temporais introduzidas pelos circunstanciais a partir do conhecimento do discurso anterior. No primeiro caso, o sintagma nominal com função de circunstanciador indica o momento em que o primeiro emprego havia levado à contratação de apenas um copeiro, retomando a informação anterior de que isso ocorreu oito meses após o anúncio feito por Lula. No segundo caso, além de delimitar o momento em que as vagas foram criadas, o sintagma preposicional refere-se à situação descrita antes.

Em (14), por sua vez, o *então* retoma anaforicamente o marco temporal anterior *em 2007*, sendo esta uma função intrínseca a esse advérbio que, diferentemente das locuções, em seus usos como articulador oracional, sempre remete a circunstanciadores temporais mais complexos estrutural e cognitivamente, desde locuções até mesmo orações ou parágrafos inteiros. Não raro, nesses casos, ocorre em construções como “desde então”, “até então”, em que as preposições “desde” e “até” marcam, respectivamente, o início e o fim da duração da ação verbal.

É interessante notar que, nem sempre, o marco temporal antecedente é explícito, como se vê a seguir:

(15) *“Mas, aos poucos, as pessoas que sabem da doença vão falando para os que não sabem e, quando você se dá conta, muitos já comentam às escondidas, alguns com pena, outros criticando, por ignorância ou preconceito, o fato de eu continuar a trabalhar constantemente nesse período.”*

Com a evolução da doença, já então sem condições de operar nem de examinar os pacientes, [Casado] anunciou para suas duas equipes o afastamento definitivo de a profissão.

No dado apresentado em (15), o *então* não retoma um antecedente que se enquadre canonicamente como um circunstanciador temporal. Na verdade, o sintagma preposicionado *Com a evolução da doença* está num contínuo entre tempo (ao longo do tempo em que a doença evoluiu) e causa (porque a doença evoluiu). Possivelmente, por essa ambiguidade inerente ao sintagma retomado, o usuário lança mão do *então* antecedido pelo focalizador *já*, o que contribui para conferir maior precisão temporal no que diz respeito à ação verbal de “anunciar”. Em suma, verificamos claramente como pressões de uso discursivas moldam a gramática e como, deste uso do *então*, emerge o papel sintático de articulador de orações e a função textual de elemento coesivo.

Não encontramos essa relação coesiva apenas nas funções anafóricas. Ao introduzirmos um assunto novo, ou quando criamos um subtópico, também percebemos uma ampliação funcional do circunstanciador temporal, como veremos no exemplo abaixo.

(16) *Não deixa de ser incômoda a proximidade entre o episódio da semana passada em que servidores do IBGE ameaçaram entregar os cargos em reação à suspensão da Pnad Contínua, dando margem a suspeitas de manipulação por parte do governo, e outra mudança metodológica em preparo pelo respeitado instituto estatístico.*

No início de maio o IBGE reformulará a coleta de dados de produção da indústria para aumentar a quantidade de produtos considerados e empresas entrevistadas. Longe de sugerir interferência ou partidarização do órgão, desta vez a mudança é bem-vinda e resultará em mapeamento melhor do setor, que representa quase 15% do PIB. [editorial 16 – Folha de São Paulo]

Nesse caso, uma opinião do editorial, sobre as suspeitas de manipulação do governo, é apresentada logo no parágrafo inicial do texto. Uma mudança no foco da argumentação ocorre quando o circunstancial *No início de maio* aparece iniciando o parágrafo seguinte. A partir daí, o editor expõe a atitude do órgão IBGE, apresentando a solução do problema e a opinião do jornal sobre tal atitude. Ocorre, nesse caso, então, um subtópico, relacionado ao fato anterior, mas com mudança de perspectiva e de participantes. O circunstanciador temporal, no exemplo, teve o papel de estabelecer uma fronteira discursiva entre as duas situações narradas – o que aconteceu no passado e o que será feito a partir de agora –, indicando o início de um novo episódio e uma quebra da continuidade temática.

Introduzir subtópico é uma função que, segundo nossos dados, não parece ser muito frequente no que diz respeito ao uso do *então* como advérbio. Por ser essencialmente um anafórico, ao replicar o subtópico já introduzido pela locução adverbial, a informação deixa de ser nova. Não é à toa que Arena (2008), ao investigar a multifuncionalidade e a polissemia do *então* ao longo de oito sincronias, até o século XX, verificou que o uso mais gramaticalizado dessa forma, o de operador argumentativo, assume a função conclusiva, encerrando um ciclo de argumentos na defesa de uma ideia.

Nos exemplos (17) e (18), abaixo, os circunstanciais desempenham uma função discursiva de sequência temporal, recorrente em textos narrativos, pois demarca uma sucessão de acontecimentos dentro de um evento.

(17) *Mesmo com a proibição, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) prevê a importação de substâncias ilegais para fins terapêuticos.*

A agência se reuniu com a família no dia 15 de abril para orientar sobre a importação, que deverá ser feita com um formulário detalhando a natureza da substância, um laudo e uma prescrição médica. O remédio chegou à casa de Fischer no dia 30. [notícia 13 nova – Folha de São Paulo]

(18) *De acordo com a vítima, que publicou um relato em o Facebook, as reclamações sobre o destino se intensificaram e os dois começaram a discutir. Ele também teria informado que ela teria que pagar R\$ 10 pela mala — na tabela, o preço por volume é R\$ 1, 05.*

— Ela sempre carregou malas e nunca cobraram. Quando ele disse o valor, ela falou que ia reclamar com a cooperativa — explicou a mãe.

O taxista então teria travado as portas e passado do local onde a cliente desembarcaria. Ele a levou, sob protestos, até a 77ª DP (Icarai).

Percebemos, em (17), a sequência de ações estabelecidas na notícia. Primeiramente, houve uma demarcação temporal de quando a agência se reuniu com a família – *no dia 15 de abril*. Após essa reunião e a explicação do que deveria ser feito, a conclusão do evento é apresentada, com a chegada do remédio à residência, em outra data – *no dia 30*. Neste caso, a demarcação de pontos sucessivos do evento não ocorreu no início da oração, como o esperado, já que há uma relação com o discurso anterior. O uso desses circunstanciais em posição quase final de oração pode ser explicado pelo grau de importância dado pelo repórter aos eventos narrados. No entanto, não podemos descartar os eventos enumerados a partir de sua localização temporal.

Em (18), as ações são descritas em sequência, tendo seu início no momento em que a passageira entra no táxi, e, a partir daí, cada ação vai sendo apresentada exatamente na ordem cronológica em que ocorrem, até que motorista e vítima vão parar na delegacia. Essa função discursiva, motivada por fatores extralinguísticos, está em acordo com o subprincípio da ordenação linear, conforme exemplificado em (10) e (11). No presente caso, o *então* é empregado para encerrar um ciclo de ações que são codificadas linguisticamente em sequência. Embora ainda guarde fortemente o traço anafórico – retoma um extenso marco temporal anterior: *Quando ele disse o valor, ela falou que ia reclamar com a cooperativa* –, já se mostra mais gramaticalizado, emergindo como um articulador de orações. Nesse ponto, o *então*, por distintas pressões de uso, já não transita exclusivamente no espectro do tempo; começa a participar, também, dos movimentos textuais, na função de operador de sequencialização.

Sendo assim, verifica-se que a distinção entre cada uma das funções discursivas dos circunstanciadores temporais não é categórica, pois as fronteiras entre elas não são totalmente excludentes e, em alguns casos, como acabamos de demonstrar em relação ao *então* operador de sequencialização, algumas dessas funções se sobrepõem. Isso nos leva à exemplificação da quinta e última função discursiva contemplada em nossa análise: a função mista.

Tal função discursiva confirma o que foi sinalizado no tópico anterior em relação ao *então*. Nos usos que se fazem dos circunstanciadores temporais, são identificadas mesclas de funções sintático-semânticas, textuais e discursivas. Por isso, tratamos essa função como mista. Analisemos os circunstanciadores destacados em (19) e (20):

(19) *A Casa Branca repudiou nesta quinta-feira as ameaças do aiatolá Ali Khamenei, e afirmou que os Estados Unidos não têm a intenção de entrar em guerra com o Irã.*

Khamenei se referiu aos "rumores" de um possível ataque americano contra o Iraque, e acrescentou que estas questões "não assustam" o Irã, pois não é a primeira vez que o país é atacado pelos EUA.

O líder se mostrou convencido de que "os inimigos não cometerão tal erro, já que sabem muito bem que desta forma poriam em perigo seus próprios interesses". No mesmo dia do duro discurso de Khamenei contra os EUA, o Irã testou com sucesso um míssil terra-mar de alcance de 350 km. O teste foi realizado durante o segundo dia de manobras aeronavais na região do Golfo, informou a TV estatal. [notícia 1 – O Globo]

(20) *A maior dificuldade em casos de transplantes é encontrar um doador que seja 100% compatível com o paciente. No caso de Luciene, não houve compatibilidade total nem dentro de a família nem em os cadastros disponíveis em bancos de doadores. Foi, então, que os médicos optaram por usar uma técnica inovadora chamada de transplante haploide, em a qual o doador é apenas 50% compatível com o paciente.*

No exemplo (19), o evento anterior (*o duro discurso do líder*) é retomado anaforicamente de forma clara pelo circunstanciador: *No mesmo dia do duro discurso de Khamenei contra os EUA*. Além de ser anafórico, ele introduz uma nova informação – o teste ocorrido no Irã –, o que nos faz perceber uma mudança no foco narrativo e a apresentação de um novo assunto, já que até então isso não havia sido mencionado no discurso. Desse modo, a locução adverbial em destaque, ao mesmo tempo em que apresenta as funções discursivas descritas, participa da continuidade e da progressão textual.

Guardadas as devidas diferenças, o mesmo se pode dizer do uso do *então* em (20). Sendo a anaforicidade a marca persistente da sua origem adverbial, é muito mais frequente encontrá-lo apenas retomando um marco temporal anterior. No entanto, ao longo do seu processo de gramaticalização (ARENA, 2008), o *então* foi se tornando cada vez mais polissêmico e multifuncional, e, como vimos em (18), já exerce funções mais gramaticalizadas. No exemplo (20), numa construção com o verbo “ser” – *Foi, então* –, muito recorrente por sinal, vemos o *então* promovendo a retomada não de um marco temporal anterior explicitamente codificado, mas de uma informação que se situa num determinado momento da ordem de acontecimento dos eventos. O fato de que não se encontrou um doador totalmente compatível com Luciene torna-se um marco temporal que será retomado pelo *então*, o qual, simultaneamente, numa função mais adequada ao seu uso como operador de sequencialização, introduz um fato novo: *os médicos optaram por usar uma técnica inovadora*. Novamente, vemos um circunstanciador temporal participando da textualidade, promovendo continuidade e progressão textual, ao mesmo tempo em que articula orações em períodos distintos.

Descritas as funções discursivas previamente delimitadas para que se procedesse metodologicamente à análise dos dados, tanto das locuções adverbiais quanto do *então*, o seguinte quadro tem por objetivo sintetizá-las:

Função Discursiva	Locução adverbial	Então	Relação
circunstanciador de coordenada temporal	[...] <i>os eleitores de Michigan baniram, em 2006, o critério racial</i> [...] (exemplo 12)	X	Somente as locuções adverbiais são usadas com a função de especificar uma coordenada temporal, função predominante delas. O <i>então</i> , em virtude de sua forma não substantiva, é menos específico e assume a função de retomar anaforicamente tais marcos temporais.
anafórica	[...] <i>Oito meses depois, o Primeiro Emprego só tinha levado [...]. De lá para cá, apenas 15 mil vagas foram criadas</i> [...] (exemplo 13)	[...] <i>o convênio com a Santa Casa foi feito em 2007 e, desde então, a entidade administra</i> [...] (exemplo 14)	A função anafórica é a segunda mais observada nas locuções adverbiais que são verificadas, geralmente, iniciando as orações. Esta é a função prototípica do <i>então</i> , marcado aspectualmente por preposição ou não marcado, que pode aparecer também iniciando orações.
introdução de subtópico	[...] <i>No início de maio o IBGE reformulará a coleta de dados</i> [...] (exemplo 16)	X	As locuções adverbiais são deslocadas para o início da sentença para apresentar um novo assunto. Essa função não foi encontrada no <i>então</i> na função de advérbio, possivelmente por causa da sua forma não substantiva e função mais procedural.
sequência temporal	[...] <i>A agência se reuniu com a família no dia 15 de abril para orientar [...]. O remédio chegou à casa de Fischer no dia 30.</i> (exemplo 17)	[...] <i>O taxista então teria travado as portas</i> [...] (exemplo 18)	Essa função é encontrada nas locuções , principalmente, quando há uma demarcação de pontos temporais no discurso. O <i>então</i> operador de sequencialização apresenta essa função em contextos discursivos específicos; a função anafórica fica enfraquecida, mas não se perde totalmente.
mista	[...] <i>No mesmo dia do duro discurso de Khamenei contra os EUA, o Irã testou com sucesso um míssil terra-mar</i> [...] (exemplo 19)	[...] <i>Foi, então, que os médicos optaram por usar uma técnica</i> [...] (exemplo 20)	Poucos dados tanto de locuções adverbiais quanto de <i>então</i> foram encontrados com mais de uma função, ou seja, a função mista. Em ambos os exemplos, tanto a locução adverbial quanto o <i>então</i> participam da retomada de um marco anterior e ao mesmo tempo introduzem tópico novo. No caso do <i>então</i> , a função mista somente pode ocorrer quando ele atua como operador de sequencialização, pois, além de continuar o texto por meio da retomada, pode fazê-lo progredir quando, ao dar sequência à cadeia de eventos, introduzir novo tópico.

Cabe ressaltar, a partir dessas observações, que os circunstanciais em estudo assumem funções outras, além da de especificar coordenadas temporais. No entanto, é importante perceber que as locuções possuem funções mais delimitadas que o *então*. Este, talvez por sua origem adverbial, guarda a função anafórica mesmo em usos como operador de sequencialização. Todas as demais funções do *então* estariam relacionadas de alguma forma ao seu papel de retomada no discurso. O mesmo não é, todavia, encontrado nas locuções adverbiais, pois o uso prototípico destas – codificar marco temporal – tem escopo reduzido. As demais funções das locuções surgem em situações discursivas nas quais se pretende trazer informações além da temporalidade dos eventos, em que se verifica um escopo maior.

4. Considerações finais

Neste artigo, buscamos analisar de forma qualitativa dois objetos circunstanciadores temporais – o *então* e as locuções adverbiais – por apresentarem funções textual-discursivas semelhantes em seus usos. Nossos dados foram retirados de amostra jornalística do português brasileiro contemporâneo.

À luz de alguns pressupostos do Funcionalismo norte-americano, como iconicidade e marcação, observamos as diferentes funções para as possibilidades de uso das formas linguísticas. Nossa expectativa era mostrar que o uso dos circunstanciais temporais possui largamente motivação discursiva, e essa motivação pode se refletir em seus usos dentro da oração.

Vimos, com isso, a partir dos subprincípios de iconicidade, que a integração entre os elementos desencadeia uma ordenação sintática dos circunstanciais. Além disso, de acordo com o subprincípio da quantidade, quanto maior a previsibilidade de uma informação, menor a necessidade de material linguístico. Tal princípio se vê aplicado no uso do *então*, anafórico e menos complexo cognitivamente, remetendo-se a eventos já mencionados no discurso. Por fim, a ordenação linear é um pressuposto fundamental na motivação da ordem dos circunstanciais, pois, geralmente, reflete o grau de importância dado pelo falante a essa informação.

As funções textual-discursivas desempenhadas pelos circunstanciadores se mostraram de extrema relevância para a compreensão de seus usos. No que concerne às locuções, partimos do que Ilogti de Sá (2015) considera como elemento não marcado no discurso – a função circunstanciadora – e verificamos suas demais funções, que são mais marcadas no contexto. Observa-se, com isso, que a locução desempenha outras funções na sua macroestrutura textual, tendo, além de indicar uma coordenada temporal, uma função

anafórica, introdutora de subtópico, sequenciadora de subtópico e até mesmo mista. As diferentes funções dessas locuções agem diretamente no posicionamento desses circunstanciais da sentença, por exemplo, deslocando-os para mais próximo de seus referentes.

O interessante, nesse aspecto, é perceber que, quanto às funções discursivas, ao se compararem as locuções adverbiais que são retomadas pelo *então* e o próprio advérbio *então*, a aplicação dos critérios “complexidade estrutural” e “complexidade cognitiva” indica que o *então* se apresenta como menos marcado dentro da categoria, possivelmente devido à sua configuração formal menos complexa, que demanda menos esforço cognitivo.

Este estudo também apontou que o *então*, em face de pressões discursivas, assume novos usos gramaticais e deixa de ser uma categoria apenas circunstanciadora temporal e passa a agregar uma função maior – além de sua função anafórica, prototípica – no processo coesivo textual, a função sequenciadora, a qual, por sua vez, tem potencial para introduzir tópico, participando da continuidade e progressão textual.

Sendo assim, esperamos ter contribuído para uma descrição mais detalhada, ainda que não cabal, de circunstanciadores temporais em discursos jornalísticos, a partir de alguns usos de diferentes locuções adverbiais e do *então*.

Referências

- ARENA, A. B. **Multifuncionalidade e polissemia do *então***: um estudo pancrônico. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós Graduação em Letras, UFF, Rio de Janeiro, 2008.
- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL, A. V. **Ordenação de circunstanciais na escrita**: um estudo contrastivo entre PB e PE. 2005. 190 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CHAFE, W. **How people use adverbial clauses**. Berkeley Linguistics Society 10, 1984.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

GIVÓN, T. Topic continuity in discourse: the functional domain of switch-reference. In: HAIMAN, J.; MUNRO, P. (Orgs.). **Switch reference and universal grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1983. p. 51-82.

GIVÓN, T. **Syntax**: A Functional-Typological Introduction. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, **Syntax**. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GONÇALVES, S. C. L.; CARVALHO, C. dos S. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.) **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 67-90.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: Philadelphia, 1991. p. 17-36.

ILOGTI DE SÁ, E. C. **Ordenação de locuções de tempo e aspecto em textos jornalísticos**: uma abordagem funcionalista. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

ILOGTI DE SÁ, E. C. **Aconteceu em 2015 e em 2015 il est arrivé**: ordenação dos circunstanciais temporais e aspectuais no português e no francês. 2015. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

KOCH, I. G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: CLEMENTE, E. (Org.). **Linguística aplicada ao ensino de português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MARTELOTTA, M. E.; SILVA, L. R. Gramaticalização do *então*. In: MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil** - uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 221-235.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E. Advérbios: conceitos e tendências de ordenação. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Adverbiais**: aspectos gramaticais e pressões discursivas. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 13-96.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2011.

PAIVA, M. C. *et al.* Padrão não marcado de ordenação de circunstanciais temporais: regularidades e divergências entre fala e escrita. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 69-88, 2007.

PAIVA, M. C. A ordem de circunstanciais no português brasileiro escrito. **Diacrítica**, Braga, v. 22, fasc. 1, p. 73-91, 2008.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**. Volume I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português, a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Edufu, 1994.

VAN DIJK, T. A. Episodes as units of discourse analysis. In: TANNEN, D. (Org.). **Analysing discourse: text and talk**. Washington: Georgetown University Press, 1982. p. 177-195.

Sobre as autoras

Ana Beatriz Arena (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0001-5284-553X>)

Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF); mestra em Língua Portuguesa pela mesma instituição; graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professora da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Érika Cristine Ilogti de Sá (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-9946-8038>)

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); graduada em Letras - Português/Francês pela mesma instituição. É professora da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).